

# Terapeutas, sejam poetas\* !

Gislayne Avelar Matos

É com esse imperativo que o psiquiatra Marc Muret<sup>1</sup>, estudioso das terapias contemporâneas pela arte, convida os terapeutas a aprenderem não somente a ser receptivos mas a passar as melhores mensagens. Para isso, diz ele, o terapeuta deve exercer sua sensibilidade, sua espontaneidade, sua criatividade e muitas outras qualidades que não se aprende nos livros, mas exercitando-se em pintura, desenho, teatro, dança, música, escrita literária ...

Mas a associação, do terapeuta ao artista, não se restringe ao campo das terapias pela arte. Na obra de Nichols e Schwartz: *Terapia Familiar: conceitos e métodos*<sup>2</sup>, encontramos o verbete terapeuta de família, seguido das prerrogativas: artista ou cientista. Diz o texto: “Acreditamos que a melhor maneira de se tornar um terapeuta de família eficiente é primeiro aprender a ser um “cientista”, e depois se tornar um “artista”.

A terapia em si, independentemente de se utilizar ou não um meio artístico, é do domínio da criação, pois ela procede da criação, ou seja, da produção de novas formas.

A arte é um processo de criação, a terapia, um processo de criação de si-mesmo. Nesse processo o terapeuta participa ativamente da comunicação que não é mais a obra de uma só pessoa, comentada por uma outra, mas um tempo compartilhado e dividido entre terapeuta e cliente. Nesse contexto, através de uma série de mensagens verbais e não-verbais, o terapeuta deverá produzir, em interação com o cliente, um ambiente criativo. Diria Winnicott<sup>3</sup>, um “espaço potencial”. Ele instaura um nível de comunicação que é diretiva, mas não autoritária. Diretiva à maneira artística, tal qual Milton Erickson, ele estimula o imaginário do cliente usando metáforas.

No caso do reconhecido terapeuta, sua inquestionável maestria, não se devia apenas à habilidade terapêutica, que lhe era particular, mas antes porque era um criador, um poeta, um artista, e “o papel do artista não é criar uma obra, mas criar a criação”<sup>4</sup>.

O material que Erickson tão bem manuseava era a linguagem e os elementos que utilizava para criar sua ficção eram as imagens.

Nessas bases, o terapeuta é um contador de histórias que, ao mesmo tempo em que faz sonhar introduz no nível da meta-comunicação terapêutica, uma dimensão artística e lúdica, tornando prazerosa e confiável a relação terapêutica.

Recorrendo desta forma aos meios da arte, e um tanto “à la Scherazade”, o que o terapeuta propõe a seu cliente é uma nova ética, uma possibilidade de modificar e canalizar suas

---

\* Poeta: no sentido etimológico o termo vem do grego, *poesis* e designa a ação do tecelão, do artista, do criador.

emoções, seus desejos, suas agressões, seus medos, suas limitações... simbolizando, pela “*mise en image*” as mais diversas autoprojeções.

Para que um tal processo ocorra, terapeuta e cliente precisam estar abertos à surpresa, à improvisação, às fantasias, aos sonhos.

Ao refletir sobre o artista, Emílio Vedova,<sup>5</sup> artista ele próprio, nos pontua algumas características que são igualmente apropriadas ao terapeuta, ele diz: “Perdoa-me, mas eu não creio nestes artistas que dominam com toda segurança seus próprios meios (...) sempre e sempre, a pintura é como a vida mesma, uma nova escolha, e uma responsabilidade nova. Nada é fácil para mim, minha mão não se agita senão após meses de preparação, após um contínuo aprofundamento da consciência. Por vezes me parece ter esquecido tudo. A pintura é difícil, todo signo sobre a tela é uma responsabilidade que não deve, jamais, ainda que por um instante declinar num “já sabido”.

Para o terapeuta, o perigo do “já sabido” é o de tornar-se mecânico, indiferente à evidência de que cada cliente (indivíduo ou família) é um ser único e diferente de todos os outros que ele já encontrou. Se estabelecermos um paralelo entre o processo de criação da obra de arte pelo artista e o processo de criação de si-mesmo pelo cliente, podemos dizer que “cada matéria conduz suas próprias formas”<sup>6</sup>. Cada cliente dará à sua história a forma que lhe aprouver, e a forma “deve organizar-se de acordo com sua própria ‘lei de desenvolvimento’ e a partir de seus próprios dados interiores”<sup>7</sup>.

O papel do terapeuta-artista-poeta é portanto ativar em seu cliente a faculdade criadora e a partir daí assisti-lo no processo de autocriação ou re-criação de si-mesmo, através do qual ele dará forma à sua própria história – sua obra.

Portanto, convidar os terapeutas a serem poetas, artistas, é propor-lhes que além de conhecer bem as teorias que embasam sua prática e dão coerência a seus gestos e intervenções, busquem uma sintonia com o universo do artista e da arte. “E o que é um artista? Um grande ser humano. Uma coisa está intimamente ligada à outra. Nenhum artista inventa uma experiência de vida. É impossível. Em arte, só expressamos a nossa experiência de vida e não outra coisa. É preciso ler a vida na obra de arte. Esta não é só ilustração de problemas teóricos, de equações. A obra existe antes da teoria, é o resultado de alguma vivência”<sup>8</sup>.

“É missão do artista penetrar tão longe quanto possível na busca do fundo secreto das coisas, onde uma lei primordial estrutura seu crescimento. Com o coração batendo, somos levados cada vez mais, um pouco para baixo, para a fonte primeira”<sup>9</sup>.

Segundo Muret, “a arte é também um método que diferentemente da ciência, não trabalha para eliminar de seu campo o acaso, o irracional, o espontâneo, muito ao contrário, os integra e utiliza. Primeiro porque ela própria é um exercício de liberdade. Liberdade de se mostrar como se

é porque em arte só se cria a partir de si mesmo. É necessário voltar o olhar para o próprio interior e encontrar ali os fantasmas e sonhos – material para se produzir a obra.”

Uma função importante das teorias, além das que já foram apontadas acima, é dar uma direção, firmar uma intenção clara para o que se pretende. Mas apenas as teorias não são suficientes.

O bom terapeuta não é aquele que armazena o maior número de informações e que sempre tem na cartola, uma técnica pronta para oferecer. “A técnica é o resultado de uma necessidade. Novas necessidades exigem novas técnicas”<sup>10</sup>.

“As técnicas são instrumentos, mas as qualidades humanas são a suprema qualificação do bom psicoterapeuta. A compaixão – uma compreensão profunda dos sofrimentos das outras pessoas – e a sensibilidade – uma apreciação do mundo interior das pessoas – podem ser perdidas na preocupação com conceitos teóricos”<sup>11</sup>.

O bom terapeuta é antes de tudo aquele que “faz seu próprio caminho”. Que ele possa chorar por si mesmo, alegrar-se consigo mesmo, surpreender-se, brincar e rir das próprias mazelas. Um terapeuta, assim como um poeta, um artista, é um buscador permanente de sua liberdade interior. Alguém que nunca está inteiramente satisfeito porque está convencido de que um ser humano sempre pode aventurar-se mais longe e isso já pressupõe um processo contínuo de autocriação e re-criação de si-mesmo.

Para o terapeuta, ser o pintor, o escultor, o dançarino, o poeta de sua própria história é poder abrir ao cliente, a possibilidade de também sê-lo.

---

<sup>1</sup>Ver para todo o texto: MURET, Marc. *Les arts-thérapies*, Paris: Retz, 1983

<sup>2</sup>NICHOLS, Michael. e SCHWARTZ, Richard. *Terapia Familiar: conceitos e métodos*

<sup>3</sup>WINNICOTT, D.W., *O brincar e a realidade*. Tradução de José Otávio de Aguiar Abreu e Vanede Nobre. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

<sup>4</sup>SCHÖFFER, Nicolas. citado por MORAIS, Frederico. *Arte é o que eu e você chamamos arte: 801 definições sobre arte e o sistema da arte*. Rio de Janeiro: Record, 1998. (p. 158)

<sup>5</sup>VEDOVA, Emílio. citado por MORAIS, Frederico. *Arte é o que eu e você chamamos arte: 801 definições sobre arte e o sistema da arte*. Rio de Janeiro: Record, 1998. (p. 218)

<sup>6</sup>POLIAKOFF, Serge. citado por MORAIS, Frederico. *Arte é o que eu e você chamamos arte: 801 definições sobre arte e o sistema da arte*. Rio de Janeiro: Record, 1998. (p. 79)

<sup>7</sup>BILL, Max. 1955. citado por MORAIS, Frederico. *Arte é o que eu e você chamamos arte: 801 definições sobre arte e o sistema da arte*. Rio de Janeiro: Record, 1998. (p. 86)

<sup>8</sup>FAYGA, Ostrower, 1983. citada por MORAIS, Frederico. *Arte é o que eu e você chamamos arte: 801 definições sobre arte e o sistema da arte*. Rio de Janeiro: Record, 1998. (p. 147)

<sup>9</sup>KLEE, Paul. citado por MORAIS, Frederico. *Arte é o que eu e você chamamos arte: 801 definições sobre arte e o sistema da arte*. Rio de Janeiro: Record, 1998. (p. 156)

<sup>10</sup>POLLOCK, Jackson. citado por MORAIS, Frederico. *Arte é o que eu e você chamamos arte: 801 definições sobre arte e o sistema da arte*. Rio de Janeiro: Record, 1998. (p. 79)

<sup>11</sup>NICHOLS, Michael. e SCHWARTZ, Richard. *Terapia Familiar: conceitos e métodos* (p.398)

---